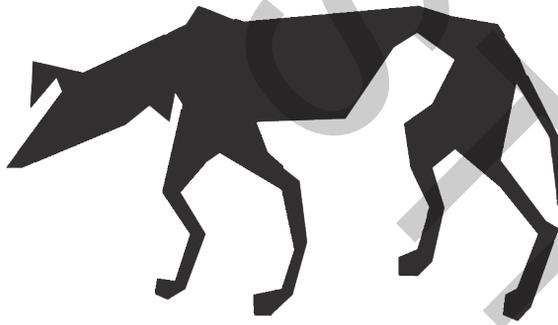


# VIDAS SECAS

ANIMACIÓ  
STR

AMMOSTR

# VIDAS SECAS



GRACILIANO  
RAMOS

TORDSILHAS

# Vidas secas

Copyright © 2025 Tordesilhas

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda., empresa do Grupo Editorial Alta Books

(Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA.).

ISBN: 978-65-5568-178-9

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramos, Graciliano, 1892-1953  
Vidas secas / Graciliano Ramos. -- 1. ed. --  
Rio de Janeiro : Tordesilhas, 2025.

ISBN 978-65-5568-178-9

1. Ficção brasileira I. Título.

24-200438

CDD-B869.3

### Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús

**Coordenadora Editorial:** Mariana Portugal

**Produtor Editorial:** Marlon Souza

**Revisão:** Denise Himpel; Vinicius Barreto

**Aparato:** André Caramuru

**Diagramação:** Rita Motta

**Capa:** Beatriz Frohe

**Ilustração de capa:** Loren Bergantini

**Ilustração de miolo:** Leblu



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
Ouvidoria: [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



# Vidas Secas

## Graciliano Ramos

*André Caramuru Aubert*

*Vidas Secas* ser ou não o melhor romance de Graciliano Ramos é uma questão debatida há décadas que, naturalmente, ainda não tem solução, pois nessas coisas sempre entram graus variados de preferências pessoais e de subjetividade. Há os defensores de *Angústia*, há os que preferem *São Bernardo* e, até os que consideram *Memórias do Cárcere* — ainda que não um romance — a obra-prima do autor. Inegavelmente, *Vidas Secas* é o livro de maior sucesso, mais reeditado, mais traduzido, mais lido e mais imitado de Graciliano. Também é verdade, por outro lado, que este romance é o mais socialmente comprometido, o que pode ajudar a explicar toda a repercussão listada acima. Mas não explicaria tudo, pois é também incontestável que, quando este livro foi publicado, em 1938, o autor estava no auge de sua maturidade estilística. Afinal, *Vidas Secas* viria a ser o seu quarto e também último romance. Depois dele, foram publicadas duas coletâneas de contos (*Histórias Incompletas*, 1946, e *Insônia*, 1947), algumas de reuniões de crônicas (entre as quais *Viagem*, 1954, e *Linhas Tortas*, 1962, edições póstumas) e dois livros de memórias (*Infância*, 1945, e *Memórias do Cárcere*, editado postumamente em 1953, no qual Graciliano trabalhava quando morreu), além de textos avulsos e reuniões de correspondências.

## Graciliano Ramos: um romancista improvável

Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, interior de Alagoas, em 1892. Foi o primogênito de dezesseis filhos de uma família de classe média. Ainda que, desde criança, tenha manifestado talento e vontade de escrever, primeiro contribuindo para o jornal da escola, e logo depois para periódicos de alcance municipal ou estadual, a tendência natural era a de que se acomodasse aos destinos de uma família com alguma cultura, mas poucas posses, seguindo os passos do pai como pequeno comerciante de tecidos, ou ocupasse cargos menores na política estadual. E se, de fato, em mais de um momento da vida, Graciliano trabalhou com o pai, e se também ocupou cargos públicos de alguma importância local, seu destino estava longe dali, tanto geográfica quanto profissionalmente.

A vida literária de Graciliano Ramos teve um começo improvável. Casado, os filhos nascendo em sucessão, ainda que fosse um colaborador bissexto de jornais e trabalhasse num romance que não terminava, o dia a dia estava em trabalhos menos criativos. Ele ainda tentou uma aventura no Rio de Janeiro, para onde foi em 1914 para tentar trabalhar como jornalista, mas, um ano depois, sem ter conseguido passar do cargo de revisor, acabou regressando a Alagoas e voltou a trabalhar com o pai.

Em 1927, numa dessas coincidências da vida, o governador de Alagoas convidou-o para ser prefeito da cidade de Palmeira dos Índios. A eleição, com candidatura única naqueles tempos de cartas marcadas da República Velha, não foi um problema. Os problemas vieram depois: administrar a cidade, lidar com os políticos locais e com as picuinhas. Ao final do primeiro ano, Graciliano enviou um relatório ao governador. Ao final do segundo, mais um. E, por não mais suportar aquela vida, renunciou. Mas os relatórios enviados ao governador, deliciosas peças literárias, acabaram ganhado vida própria, e circularam pelo país, deliciando seus eventuais leitores.

No Rio de Janeiro, um desses leitores foi o editor e poeta modernista Augusto Frederico Schmidt, que, considerando, com razão, que o autor daquelas linhas era um escritor nato, procurou o alagoano e o convidou para publicar um romance. Graciliano, então, teve ânimo para voltar ao seu romance, há anos sem terminar, e, em 1933, *Caetés* seria publicado no Rio de Janeiro, inaugurando a carreira literária de Graciliano Ramos. Ainda que esse livro possa não ter a mesma qualidade de obras posteriores, *Caetés* tinha o bastante para estabelecer o nome de Graciliano Ramos como um escritor de peso. Logo no ano seguinte à estreia literária, apareceu, em 1934, *São Bernardo*, que reforçou a admiração da crítica e dos leitores pelo autor alagoano.

No entanto, viúvo desde 1920, casado novamente, quatro filhos do primeiro casamento, mais três do segundo, Graciliano não podia pensar em depender apenas de seus livros para viver — na realidade, nunca pôde, mesmo no auge da carreira. Assim, continuou a ocupar cargos públicos e a escrever para jornais. Ao mesmo tempo, suas inclinações políticas se orientavam cada vez mais para a esquerda. Embora não pertencesse ainda ao Partido Comunista Brasileiro, nem tenha tomado parte na tentativa de golpe da Aliança Nacional Libertadora em 1935, a radicalização política daqueles anos da ditadura Vargas foi tornando sua vida de funcionário público insustentável. Em 1936, ele ocupava o cargo de Diretor de Instrução Pública em Alagoas, mais ou menos o equivalente, hoje, a Secretário de Educação. Ainda que prestigiado pelo governador, foi demitido e, no dia seguinte, preso. Na ocasião, ele trabalhava nos últimos ajustes do seu terceiro romance, *Angústia*, que viria a ser publicado, com a ajuda de amigos, enquanto ele estava preso.

Ainda que sem uma acusação formal, Graciliano ficou preso por onze meses, primeiro em Maceió, depois em Recife, em seguida no Rio de Janeiro, no presídio de Ilha Grande. Mais ou menos um ano após sair da prisão, Graciliano publicaria *Vidas Secas* (1938), seu último romance. Ainda saíam outros livros, mas nenhum novo romance. A realidade é que a carreira literária de Graciliano foi muito curta, de cerca de apenas vinte anos. Em primeiro lugar, porque estreou tarde, com mais de quarenta anos; mas, principalmente, porque morreu muito cedo, com sessenta, fumante compulsivo que era, vítima de um câncer de pulmão.

## Vidas Secas

No começo, era apenas “Baleia”, um conto sobre a morte de uma cachorrinha, baseado numa remota lembrança da infância do autor. Embora não estivesse totalmente satisfeito com o resultado — exigente, ele raramente achava bom o que escrevia —, o conto foi enviado mesmo assim para um concurso literário, pois Graciliano estava, como era rotineiro em sua vida, desesperadamente precisando de dinheiro. Além disso, mandou uma cópia também para Buenos Aires, na Argentina, onde seu tradutor pedira contos de temática regional para publicar por lá, algo que poderia render mais uns cobres.

Graciliano Ramos, já um autor renomado, vivia no Rio de Janeiro desde que saíra da prisão, e frequentava o círculo literário da Livraria José Olympio. Mas, apesar do prestígio de que desfrutava, não conseguia perder a insegurança com relação ao que escrevia. Assim, depois de enviar o conto ao jornal, permaneceu por alguns dias trancado na pensão em que morava, receoso da

recepção que o conto teria entre seus pares. Quando soube que a reação havia sido positiva, animou-se a ir até a José Olympio encontrá-los. Lá, recebeu os elogios dos colegas José Lins do Rego, Augusto Frederico Schmidt e Afonso Arinos, e acabou se entusiasmando a expandir o conto.

Capítulos foram surgindo para frente e para trás, e “Baleia” acabaria por ser o nono dos treze que compõem *Vidas Secas*, o qual, antes de ser assim chamado, teve os títulos provisórios de *Baleia* (claro) e *O mundo coberto de penas* — que viria a ser o penúltimo capítulo. A maior parte dos capítulos também teve vida própria, publicados como contos, aqui e ali, antes de serem organizados em sequência e virarem um romance.

Lidos em seu conjunto, os capítulos de *Vidas Secas* contam a história de uma família que é obrigada a migrar para sobreviver, enfrentando todas as agruras que a natureza cruel, por um lado, e a sociedade humana, ainda mais cruel, por outro, impõem a eles. Com o foco ora no pai, Fabiano, ora em sinhá Vitória, sua esposa, ora nos dois filhos, ora na cachorra Baleia, o pano de fundo é a aridez da vida, das pessoas, do entorno, da viagem.

Depois de um nascimento assim conturbado, é até curioso que *Vidas Secas* seja esta obra-prima tão bem resolvida e estruturada. Mais ainda, o livro não só foi um sucesso imediato como continua a sê-lo, com mais de 150 edições depois da publicação original. Traduzido para incontáveis idiomas, a obra foi muito premiada e é até hoje imitada. Inspirou peças teatrais e foi adaptada para o cinema por Nelson Pereira dos Santos, numa produção de 1963 que é considerada um dos melhores filmes brasileiros e latino-americanos de todos os tempos, além de ter sido incluído no prestigiado guia de Jay Schneider, *1001 filmes para ver antes de morrer*.

Único romance de Graciliano narrado na terceira pessoa, *Vidas Secas* foi, de longe, o livro de maior sucesso do autor. Se foi o melhor ou não, é, como já mencionado, um debate sem fim em que posições apaixonadas se manifestam, sem que uma conclusão objetiva seja possível. A unanimidade inescapável é que este um livro excepcional. Por quê? Aqui precisamos separar os aspectos mais gerais ou, por assim dizer, gracilianescos, e os específicos, particulares de *Vidas Secas*.

Quanto aos aspectos gerais, *Vidas Secas* traz Graciliano Ramos em sua melhor forma. O estilo que já polira nos romances anteriores está aqui, lapidar: ritmo narrativo impecável, frases precisas, economia de adjetivos, aridez nas palavras combinando com a aridez da paisagem e dos personagens.

Nos aspectos particulares, *Vidas Secas* é um livro sobre pessoas não apenas secas, mas até mesmo opacas. Não porque sejam pouco visíveis, mas porque o mundo não se esforça em acolhê-las. O protagonista, Fabiano, casado com

sinhá Vitória, pai do menino mais velho e do menino mais novo (o leitor não fica sabendo o nome deles) e dono da cachorra Baleia (“tutor”, aqui, seria um anacronismo sem sentido) é um sertanejo com dificuldade em compreender o mundo, as pessoas e os negócios. A maestria com que Graciliano narra a turbidez com que Fabiano enxerga um mundo que o maltrata é algo que ninguém igualou na literatura brasileira e que foi muito raramente atingida na literatura universal. Algo que vemos no Samuel Beckett de *Malone Morre*, no Albert Camus de *O Estrangeiro*, no J. M. Coetzee de *Vida e época de Michael K* e em outros poucos casos.

Graciliano Ramos era assumidamente um simpatizante da esquerda, fazendo com que, como vimos, ao ser encarcerado pela ditadura Vargas, acabou por retirar-lhe onze meses de liberdade. Mas, embora a visão de mundo de Graciliano seja inseparável de toda a sua obra literária, o romance em que isso fica mais explícito é *Vidas Secas*. E isso pode ser apontado em três aspectos:

Em primeiro lugar, o *locus* ocupado por Fabiano e sua família é o mais baixo possível na estrutura social brasileira das primeiras décadas do século XX. Fabiano é explorado pelo dono da terra (o fazendeiro), enganado pelo dono do armazém (o comerciante) e abusado pelo Estado (o soldado amarelo).

O segundo aspecto é que, ao sentir na pele a exploração que sofre, mas não ter meios de entendê-la claramente — os juros cobrados pelo fazendeiro, o querosene agüado vendido pelo comerciante e a arbitrariedade praticada pelo soldado —, e muito menos lutar contra ela, Fabiano vive, concretamente, o conceito de alienação proposto por Karl Marx. Até porque, naquele universo agrário arcaico onde vive, Fabiano, que não teve acesso à escola e não sabe ler e escrever, não teria como receber informações e nem como participar de alguma organização, como um sindicato ou um partido, algo que pudesse se contrapor aos desmandos dos donos do capital e dos agentes do Estado.

O terceiro aspecto é o otimismo. Um comunista que vivesse entre o começo e meados do século passado era, por definição, um otimista. Mais do que vontade, havia a crença de que o mundo poderia e viria a ser mudado. A União Soviética era um farol no horizonte, e a chegada de tempos melhores, ainda que fosse uma realidade difícil de atingir, ela era praticamente inevitável, pois estava, afinal de contas, prevista nas análises “científicas” do materialismo histórico de Karl Marx. Se tudo isso soa distante e até mesmo irreal hoje em dia, não era assim que uma pessoa de esquerda via o mundo na década de 1930. O otimismo não era apenas algo que se podia sentir, era algo que se deveria difundir, pois ele inspiraria as pessoas e ajudaria no caminho para a transformação social. Assim, apesar de a realidade vivida por Fabiano e sua família ao longo das páginas de *Vidas Secas* indicar o oposto, o desfecho do

romance, no diálogo entre o casal em fuga da fazenda arruinada, enquanto marcham com sede e com fome, pela catinga assolada pela seca, é de otimismo: os filhos de Fabiano não serão vaqueiros como o pai — a categoria social alienada e explorada de um mundo arcaico e medieval —, mas proletários na cidade grande — a dos trabalhadores urbanos, modernos, esclarecidos, que seriam o motor da Revolução.

Estes aspectos político-ideológicos são indissociáveis de *Vidas Secas*, e inevitavelmente é, em parte, a eles que se deve, até hoje, o enorme sucesso deste livro. Mas seria equivocado reduzir a isso a força desse romance monumental. Assim como *Guernica*, de Picasso, deve muito de sua repercussão ao fato de denunciar um bombardeio nazi-fascista a uma cidade espanhola, mas não é considerada uma das maiores obras-primas da pintura do século XX apenas por isso. O que conta é o que o artista conseguiu transmitir a partir daquele ponto de partida, e como realizou isso. É o mesmo com *Vidas Secas*. Muita gente escreveu e ainda escreve romances denunciando a miséria dos trabalhadores rurais do Nordeste e de outras regiões do interior do Brasil. Mas só uma pessoa fez isso com a força e o estilo de *Vidas Secas*. Como admitiu Antonio Candido na conclusão do texto “A Revolução de 1930 e a cultura”: “E talvez um artista de grande nível, como Graciliano Ramos, tenha sido mais valorizado pelo temário, considerado inconformista e contundente, do que pela rara qualidade da fatura, que lhe permitiu fazer obras realmente válidas.”

Para além do temário “político” ou de “denúncia” do qual falamos e Antonio Candido ressalta, por que um romance de poucas páginas como *Vidas Secas* foi e é tão admirado por tanta gente de tantas escolas críticas? Alfredo Bosi, por exemplo, sugere uma resposta lembrando que a construção do protagonista é única, escapando das soluções simples e planas: “O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O ‘herói’ é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo (...).” E completa: “Daí parecer precária, se não falsa, a nota de regionalismo que se costuma dar a obras em tudo universais como *São Bernardo* e *Vidas Secas*.<sup>2</sup>” Outros críticos mencionam a elevada tensão que fica no ar, em cada página, em cada linha, da insegurança permanente, diante das possibilidades sempre iminentes de uma nova seca, da expulsão da terra, da fome, de alguma prisão arbitrária. E a tensão não para por aí, pois em inúmeros momentos é Fabiano quem parece estar prestes a explodir diante das humilhações que sofre, seja

---

1 “A revolução de 1930 e a cultura”, in Antonio Candido, *A Educação pela Noite e outros ensaios*, São Paulo: Editora Ática, 1987.

2 Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 3ª ed., 1985.

do fazendeiro, seja do comerciante, seja do policial. Mas seriam explosões que, caso levadas adiante, não seriam ainda relação com as revoluções emancipadoras do socialismo, mas com as revoltas primitivas de final trágico como a de Canudos.

Além disso, pode-se destacar mais dois aspectos importantes de *Vidas Secas*: em primeiro lugar, o fato de ter se originado em contos, como já citado, em vez de trazer desvantagem, acabou por dar ao livro uma estrutura inovadora e bastante interessante — semelhante à que Julio Cortázar utilizaria três décadas depois em *O jogo da Amarelinha*, no qual, exceto pelo primeiro e último capítulos, todos os outros podem ser lidos na ordem que se queira, pois não há clara cronologia entre eles. Como sugeriu o cronista Rubem Braga, *Vidas Secas* seria “um romance desmontável”.

E, finalmente, há o estilo de escrita de Graciliano: inconfundível, preciso, cortante, econômico, que, sendo uma marca registrada de toda a sua obra, não é uma exclusividade de *Vidas Secas*, mas aqui talvez tenha atingido seu ápice, até porque combina admiravelmente com os personagens e o ambiente descritos.

Se *Vidas Secas* é ou não o melhor romance de Graciliano Ramos, trata-se, como vimos, de uma questão com resposta impossível. Mas, quando se afirma que esta é uma das maiores e mais fortes obras criadas pela literatura brasileira de todos os tempos, pouca gente ousará discordar.



## Cronologia

**1892** – Nasce, em 27 de outubro, Graciliano Ramos de Oliveira, em Quebrangulo, interior de Alagoas, filho de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ramos, primogênito dos dezesseis filhos do casal.

**1900** – A família se muda para Viçosa, em Alagoas, cidade futuramente escolhida para cenário de *São Bernardo*. Nos anos seguintes, Graciliano começará a colaborar esporadicamente

com jornais e revistas literárias, como o *Jornal de Alagoas* e *O Malho*.

**1910** – Nova mudança familiar, agora para Palmeira dos Índios, também em Alagoas.

**1914** – Graciliano viaja para o Rio de Janeiro, onde trabalhará como revisor em três jornais: *Correio da Manhã*, *A Tarde* e *O Século*, além de colaborações eventuais para o jornal *Paraíba do Sul*, órgão do interior do Rio.

**1915** – Regresso a Palmeira dos Índios, onde vai trabalhar com o pai na loja de tecidos *A Sincera*. Casamento com Maria Augusta de Barros.

**1917** – Assume a loja de tecidos no lugar do pai.

**1920** – Morte da esposa após problemas de parto, deixando Graciliano com os filhos pequenos Márcio Ramos (1916), Júnio Ramos (1917), Múcio Ramos (1919) e Maria Ramos (1920). Continua a colaborar com jornais.

**1925** – Começa a escrever *Caetés*, que, no entanto, não terminará tão cedo.

**1926** – Primeiro cargo público, responsável pela educação municipal de Palmeira dos Índios.

**1927** – Eleito prefeito de Palmeira dos Índios, em eleição de candidato único.

**1928** – Toma posse como prefeito de Palmeira dos Índios. Casa-se, em Maceió, com Heloísa de Medeiros, com quem terá quatro filhos: Ricardo (1929), Roberto (1930), Luísa (1931) e Clara (1932). Roberto falecerá com seis meses de idade.

**1929** – Envia o primeiro relatório de sua gestão como prefeito ao governador de Alagoas. Termina a versão inicial de *Caetés*.

**1930** – Envia o segundo relatório ao governador. Renuncia ao cargo de prefeito e muda-se para Maceió, onde é nomeado diretor da Imprensa

Oficial do Estado. Continua a colaborar com a imprensa. Em outubro, na chamada Revolução de 30, Getúlio Vargas derruba o governo de Washington Luís, dando fim à República Velha.

**1932** – Demite-se do cargo de diretor da Imprensa Oficial e regressa a Palmeira dos Índios. Começa a escrever *São Bernardo*.

**1933** – Volta a Maceió, onde é nomeado Diretor da Instrução Pública do Estado (o equivalente, hoje, a Secretário da Educação). Incentivado por Augusto Frederico Schmidt, revisa e publica *Caetés*.

**1934** – Publica *São Bernardo*. Começa a escrever *Angústia*, seu terceiro romance.

**1935** – Em outubro, tentativa frustrada de golpe comunista, liderada pela Aliança Nacional Libertadora com apoio do PCB, que ficaria conhecido como “Intentona Comunista”.

**1936** – Enquanto fazia as revisões finais em *Angústia*, é demitido do cargo de Diretor da Instrução Pública, sendo preso, sem uma acusação formal, no dia seguinte. Ainda que simpatizante do PCB, Graciliano não era filiado ao partido e nem tomou parte na chamada “Intentona Comunista”, organizada pela ANL no ano anterior. Preso, é levado inicialmente para o Recife, e de lá para o Rio de Janeiro, onde ficará detido no presídio de Ilha Grande. Com o

apoio de amigos do autor, *Angústia* é publicado no Rio.

**1937** – É libertado da prisão depois de onze meses e nenhuma acusação. Passa a viver no Rio de Janeiro. Publica *A terra dos meninos pelados*, que recebe o prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação. Em novembro, Getúlio Vargas lidera um novo golpe de Estado, radicalizando o caráter ditatorial de seu governo, inaugurando o chamado “Estado Novo”.

**1938** – Graciliano publica *Vidas Secas*, seu quarto e último romance.

**1939** – É nomeado Inspetor Federal do Ensino Secundário no Rio de Janeiro.

**1940–944** – Publicações variadas, traduções, colaborações.

1945 – Publicação do livro de memórias *Infância* e do livro de contos *Dois dedos*. Em novembro, Getúlio Vargas é derrubado, encerrando-se o Estado Novo. A democracia é restaurada e o Partido Comunista Brasileiro (PCB)

é colocado na legalidade. Graciliano filia-se ao PCB.

**1946** – Publicação do livro de contos *Histórias Incompletas*. Começa a escrever *Memórias do Cárcere*.

**1947** – Publicação do livro de contos *Insônia*.

**1948–1950** – Publicações variadas. Traduz o romance *A Peste*, de Albert Camus.

**1951** – Torna-se presidente da ABE – Associação Brasileira de Escritores, de forte influência do PCB.

**1952** – Viaja à Europa, visitando a então União Soviética, a Tchecoslováquia, a França e Portugal.

**1953** – Morre no Rio de Janeiro, no dia 20 de março, vítima de um câncer no pulmão. Publicação póstuma de *Memórias do Cárcere*, deixado sem terminar e com um último capítulo assinado pelo filho de Graciliano, o também escritor Ricardo Ramos. Outras obras ainda seriam publicadas postumamente nos anos seguintes, como *Viagem* (1954), *Viventes das Alagoas* (1962) e *Linhas Tortas* (1962).

AMMOSTR

# MUDANÇA

